

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

GRASSI, Amaro Silveira. Amaro Silveira Grassi (depoimento, 2018). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 1min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS FILHO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (FAPERJ). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Amaro Silveira Grassi
(depoimento, 2018)**

Rio de Janeiro

2021

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): João Marcelo Ehlert Maia;

Levantamento de dados: João Marcelo Ehlert Maia;

Pesquisa e elaboração do roteiro: João Marcelo Ehlert Maia;

Técnico de gravação: Ninna Carneiro;

Local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

Data: 09/02/2018 a 09/02/2018

Duração: 1h 1min

Arquivo digital - áudio: 1;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Ciência Social em tempos difíceis: novas configurações do trabalho intelectual no Brasil”, desenvolvido pelo pesquisador João Marcelo Ehlert Maia, com financiamento da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) com período de vigência entre abril de 2016 e abril de 2019.

Temas: Ciência e tecnologia; Ciências Sociais; Formação acadêmica; Formação profissional; Fundação Getulio Vargas; Jornalismo; Pesquisa científica e tecnológica; Vida cotidiana;

Sumário

Entrevista: 09.02.2018

A graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); o processo de profissionalização do entrevistado na área de Ciências Sociais; o trabalho no setor de política da Folha de São Paulo; as conexões entre a formação de cientista social e o ofício do jornalismo; as leituras de preparação para o mestrado no Instituto de Estudos Sociais e Políticos (Iesp); os estudos em Sociologia no mestrado; a organização das atividades cotidianas durante o mestrado; a rotina de escrita da dissertação; o ingresso na Diretoria de Análise de Políticas Públicas da Fundação Getulio Vargas (DAPP FGV); a natureza das atividades profissionais anteriores introjetadas na DAPP; a pesquisa desenvolvida sobre big data; a rotina típica do entrevistado na DAPP; o processo de elaboração de pesquisas na DAPP e a articulação com pesquisadores; a dinâmica de trabalho na coordenação da DAPP; a rotina de trabalho em casa; a relação com as produções acadêmicas das Ciências Sociais e as redes sociais; a rotina de checagem das redes sociais; reflexões sobre atividades que gostaria de fazer na área de Ciências Sociais.

Entrevista: 09.02.2018

João Maia – Hoje é dia 9 de fevereiro, sala de entrevista do CPDOC, entrevista com Amaro Silveira Grassi. Amaro, obrigada por ter vindo.

Amaro Grassi – Obrigada, eu que agradeço.

J.M. – A primeira pergunta que eu sempre faço é: onde e quando você estudou Ciências Sociais? Foi no Sul, não foi?

A.G. – Foi. Eu sou do Sul, sou de Porto Alegre, e fiz a graduação na federal do Rio Grande do Sul [UFRGS]. Isso já tem...já me formei faz uns 10 anos. Então, eu entrei e fiz direto os quatro anos e foi isso a graduação, não teve um percalço. Eu entrei, concluí, cheguei a fazer bolsa de iniciação científica, já não foi bem na área de Ciências Sociais, já foi na área de política, política internacional com um professor da História, mas era tudo ali no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Então tinha ali uma relação com Ciência Política, mas não era exatamente na área de Ciências Sociais, mas fora isso foi uma formação bem, suponho que, típica de um cientista social.

J.M. – Uma coisa é ser um estudante de Ciências Sociais, mas em algum momento as pessoas se dão conta “eu estou trabalhando com isso”, digamos assim. Como se deu esse processo de “estou me profissionalizando”? Como começou isso para você?

A.G. – Isso foi interessante, porque como vocês bem sabem o mercado para Ciências Sociais é bem difícil, não é assim: “ah, vou procurar uma vaga para sociólogo ou para cientista político”, não é uma coisa trivial. Então, já desde a graduação, essa própria bolsa já foi um pouco o indicativo de que eu ia procurar algumas coisas um pouco além de Ciências Sociais, porque, isso era muito claro para mim desde o começo, eu queria ter essa experiência de mercado não restritamente acadêmica apenas. Eu sempre tive um olhar para fora. Então, quando eu me formei, na verdade um pouco antes de eu me formar, eu cheguei a prestar uma seleção de mestrado aqui, era o IUPERJ na época, mas aí não passei, eu era muito novo ainda, eu tinha pouca experiência. E, como muitas vezes acontece, acabou sendo positivo para mim, porque me obrigou a procurar outras coisas.

Eu sabia que eu não queria continuar no programa de lá, nada contra o programa, mas como eu era da cidade mesmo e já estava na graduação ali, eu queria ir

buscar outras coisas. Então, ou eu faria um mestrado fora ou eu procuraria outra coisa para fazer. E aí foi nesse período que eu descobri que tinha uma oportunidade de trabalhar como jornalista. Na época era um programa da Folha de S. Paulo, era o programa de trainee deles, e mesmo na época, quando em tese era obrigatório o diploma de Jornalismo, o jornal tinha esse caráter de ignorar essa resolução. Então, eles abriram e colocaram isso claramente no edital: “aceitamos não jornalistas, porque traz novas perspectivas...”. E como eu gostava de ler jornal, eu cheguei a fazer um vestibular para Jornalismo, eu lia muito jornal, gostava de política, me inscrevi, fui passando e passei. Eu cheguei bem cru no que diz respeito à prática jornalística...

J.M. – Isso em Porto Alegre?

A.G. – Não, isso já em São Paulo. A seleção já levava para São Paulo. Começava em Porto Alegre, em algumas capitais, e aí levava para São Paulo em algum determinado estágio. Terminou que eu fui selecionado, um pouco para minha surpresa, porque eu queria, mas não tinha muita expectativa também. E aí lá fui aprendendo e fui me deparando com coisas que eu gostava, espaços dentro do Jornalismo que eu conseguia trabalhar bem, sobretudo, a parte de texto, análise, eu nunca fui propriamente um repórter, de dar furo e coisas assim.

J.M. – O que você fazia especificamente?

A.G. – Eu escrevia sobre política, fazia matéria de política internacional com base em agências de notícias, às vezes entrevistava um ou outro pesquisador. Um espaço bem específico do trabalho jornalístico. O Jornalismo funciona assim tem, em geral, uma redação, tem os repórteres de rua que é quem tem fonte, quem vai para rua mesmo fazer as matérias, mas a produção do jornal tem uma série de outras funções ali: o redator, o editor, muitas vezes tem que fazer um material de apoio de contextualização daquela questão, tem a produção dos infográficos, linhas do tempo quando você vai tratar de um tema...principalmente, em política internacional que a cobertura é muito intermitente, um dia fala dos Estados Unidos, no outro fala da África do Sul, no outro fala de algum evento na França... Então, geralmente as matérias são acompanhadas de explicações para o leitor sobre em que contexto aquela notícia está inserida.

E foi ali que eu me encontrei, eu fazia isso muito bem, tinha familiaridade com a política, com a temática, gostava de escrever sobre, gostava de ler sobre os assuntos, pesquisar, essa pesquisa mais cotidiana desses assuntos e fui aprendendo coisas da prática do tipo: como dispor uma informação de forma simples, clara, para um leitor que não é inteirado do assunto, leigo. Isso foi um exercício bem interessante e, enfim, fiz a linha de frente da cobertura de vários eventos. Um dos primeiros que eu fiz foi a cobertura da eleição do Obama, aí depois eleições, na época teve uma guerra na faixa de Gaza, terremoto no Haiti. Todos os eventos que se cobre em política internacional, eu participei e terminei ficando três anos na editoria Mundo da Folha de S. Paulo fazendo isso, mas aos poucos eu fui começando a ver que eu não me encaixava exatamente como jornalista, porque eu não tinha fonte, não era muito o meu perfil de ir atrás das histórias, buscar o furo, porque bem ou mal no Jornalismo existe esse incentivo de você dar a informação com exclusividade, descobrir as coisas. E aí eu achei que eu ia acabar perdendo espaço, ia ficar um pouco estagnado e aí retomei o projeto de fazer mestrado, que eu nunca tinha abandonado, eu só tinha dado um tempo, só fui empurrando e aí disse: “Agora eu vou fazer então, porque eu preciso me requalificar um pouco mais, buscar outras coisas”.

J.M. – Antes de chegar no seu mestrado, se me permite explorar um pouco mais a sua iniciativa na Folha...

A.G. – Claro, fique à vontade.

J.M. – Você tinha feito Ciências Sociais, onde você mal ou bem estudou Ciência Política em algumas cadeiras, e depois você foi trabalhar com a política real, enfim, cobrindo no Jornalismo, tinha alguma conexão? Você sentia isso? Você tinha uma abordagem diferente por ter tratado desses temas? Como é que operava isso para você?

A.G. – Eu acho que nesse quesito da familiaridade com o tema, sim, porque os conceitos que aparecem numa cobertura de política, a gente fica muito familiarizado: como funciona um sistema político, um regime eleitoral, um regime democrático, como são ali... até coisas básicas que quem não é muito interessado em política acaba não dando muita atenção, assim, como funciona a separação dos poderes, câmara, senado, o sistema federativo... E isso, a variedade de sistemas que você se depara quando vai analisar ou cobrir uma eleição nos Estados Unidos, por exemplo, para entender aquele sistema deles que é bem particular ou um conflito do Oriente Médio, entender um pouco da onde vem, qual é o histórico daquele conflito, ou seja, eu cheguei já iniciado nessas

temáticas todas um pouco por causa da faculdade, um pouco por interesse meu, porque eu sempre lia sobre.

Mas na prática mesmo, na escrita do dia a dia, eu acho que foi muito aos poucos que eu consegui ir introduzindo algumas coisas da minha formação, na hora de escrever, de trazer coisas para o texto que viessem da minha formação, aos poucos eu acho que eu fui descobrindo algumas formas de fazer isso, mas era muito difícil, porque são linguagens muito diferentes. A linguagem acadêmica que é a que a faculdade de Ciências Sociais privilegia, eu até hoje tenho uma certa discordância, não é discordância, eu tive uma formação que eu considero bem razoável, boa, mas eu acho que poderia ter algumas outras ênfases, que poderia preparar para algumas outras coisas e não só a trajetória de um pesquisador, porque eu acho que as Ciências Sociais têm muito a contribuir com outras várias áreas, o que não acontece, muitas vezes, porque o aluno de Ciências Sociais não sai preparado.

Mas, voltando para a questão da escrita de como incorporar essas coisas, foi difícil por isso, porque era muito distante, aos poucos eu fui tendo que entender como eu poderia fazer isso, mas às vezes me frustrava um pouco mesmo por ter que fazer coisas muito fora do que eu imaginava que eu faria, o que faz parte também. Por exemplo, cobertura do casamento real, é uma coisa importante, o mundo inteiro presta atenção naquilo, mas ali me dava: “Pô, não é bem isso”. É um ritual, até poderia ter essa coisa da antropologia, é um ritual de uma monarquia, mas essa também nunca foi a minha praia. Então, eu buscava conseguir aproximar as duas coisas, mas foi difícil no começo, foi bem difícil. E acho que um pouco da minha saída do Jornalismo naquele momento veio um pouco daí também, da dificuldade de conciliar as coisas, mas eu gostava. Enfim, eu fiquei três anos lá, então bem ou mal eu consegui achar um espaço e fazer um trabalho que eu gostasse e que tinha um reconhecimento, pelo menos lá dentro.

J.M. – Nesses três anos que você ficou lá na Folha, você trabalhava lá direto, você consumia de alguma forma Ciências Sociais? Você procurava saber ou ler alguma coisa da área, manter contato com colegas? Como é que era isso para você?

A.G. – Tinha fases. Eu procurava ler artigos, entrava no SciELO e via as últimas edições da Dados, Tempo Social, dava uma olhada e volta e meia achava alguns artigos interessantes, aí baixava para ler, porque eu gostava do assunto e para não me afastar demais do tema. E também, porque, ali no meio desse período, eu já comecei a pensar

no mestrado, então, quando chegava o segundo semestre, eu já olhava os editais e ia estudar um pouco, mas tudo aquela literatura de seleção de mestrado, essa literatura básica que se repete nos diversos programas.

Então, tinha uns momentos que eu dava uma mergulhada de novo, voltava para o assunto, outros eu me afastava mais, mas interessante que, no final já desse período, eu fui sentindo que eu precisava voltar senão eu ia me afastar demais e aí eu ia ter dificuldade para voltar depois. Porque o Jornalismo vai te encaminhando para uma outra prática diária. Tu tem que ler muito jornal, tem que ler revista, tem que ler artigo de fora, tem que ler muita coisa de cobertura de política e acaba que no dia a dia vai perdendo o hábito de ler um artigo acadêmico... E a academia tem muito isso: não é como pegar um livro que eu entro numa livraria e vou ler o livro que eu estiver afim. Tu tem que entender o que a academia está produzindo naquele momento e, para fazer esse acompanhamento, tem que ter uma ligação, para saber o que está sendo discutido em cada área, ou mesmo, a literatura mais consolidada, mais clássica, se tu não está dentro de um programa, tu acaba perdendo um pouco o contato. “Ah, quero estudar política”. Qual é a literatura de política? Se você não está dentro de um programa ou não tem alguma ligação assim, é mais difícil.

E essa forma de ler artigos era bom, porque sempre acaba conectando, tem lá o referencial teórico, a bibliografia, então, era uma forma de eu me manter pelo menos situado no debate. Aí quando, de fato, eu voltei para fazer o mestrado, eu já tinha meio caminho andado nesse sentido.

J.M. – Aí você foi para o IESP [Instituto de Estudos Sociais e Políticos], não é? Já era IESP a essa altura?

A.G. – Já era IESP.

J.M. – Você não pensou na USP?

A.G. – Eu pensei, eu fiz uma vez, eu não lembro muito bem agora, mas quando eu estava na Folha, eu fiz uma vez para ver como é que era, não passei; depois, fiz uma para valer, não passei mesmo de novo; e aí no terceiro ano foi quando eu já tinha decidido que eu iria fazer mestrado mesmo, eu saí da Folha alguns meses antes em maio/junho para estudar. Aí eu pensei: “Vou prestar em mais de um”. Aí fiz a USP, fiz o IESP e passei nos dois. Aí eu tinha uma escolha para fazer, mas como eu tinha, já desde a graduação, essa coisa de gostar muito do IUPERJ e também de conhecer o Rio e vir morar no Rio e aí eu já estava casado, assim, juntado com a minha esposa, aí ela

também tinha vontade vir para cá, conseguiu uma transferência na empresa dela para cá, então, foi conciliando e eu acabei optando... Até na época eu fiquei bem dúvida, porque a USP também...eu fiquei com receio de fechar umas portas, mas acho que não, era uma decisão e aqui eu encontrei um nível muito bom no mestrado.

J.M. – Você foi para Sociologia, não foi?

A.G. – Eu fui para Sociologia. Eu sempre gostei mais...o que eu gostava mais era Sociologia Política, mais do que a Ciência Política *stricto sensu*, porque ela é muito...

J.M. - ...institucionalista.

A.G. – Muito institucionalista, mesmo na variedade que ela apresenta, ela está mais ou menos dentro de um institucionalismo: sistema eleitoral, sistema partidário, parlamento, enfim... Então, essas linhas eu sempre li sobre, mas não era muito a minha. Mas eu gostava de política, então, eu encontrei um nicho ali pela Sociologia: as discussões das relações da sociedade com a política, os conceitos de sociedade civil, tanto a coisa de Habermas, as teorias da democracia mais amplas do que propriamente os sistemas que a Ciência Política tradicionalmente aborda. Aí eu fui encontrando ali um espaço.

A graduação eu já fiz com a ênfase em Sociologia, fiz com um professor de Sociologia, mas era bem política o meu trabalho. E aí no mestrado, eu segui um caminho parecido, eu queria discutir política pela Sociologia. E aí foi isso que eu fiz, eu entrei na Sociologia, mas fiz de novo uma dissertação bem na área de política, em Sociologia Política. Escolhi um professor que tinha essa linha também. Então, eu tinha uma clareza disso que eu queria estudar política num sentido mais amplo do que a Ciência Política. Nada contra, até hoje eu não fiz um doutorado ainda, nem entrei. Hoje eu não descarto fazer um doutorado na Ciência Política. Não é um problema com a área propriamente, era só porque, naquele momento, eu achava que o que tinha mais a acrescentar era por esse viés da Sociologia.

J.M. – Deixa eu perguntar uma coisa do seu tempo de estudante de mestrado. Como é que você se organizava? Você só estava fazendo o mestrado, correto?

A.G. – Não, eu cheguei a fazer uns *freelas*, umas coisas assim.

J.M. – No Jornalismo?

A.G. – Principalmente no Jornalismo. Quando eu saí da Folha para estudar, deu um mês, eu comecei a trabalhar de novo, *part-time*, aí eu comecei a chegar um pouco mais perto da área de tecnologia, numa startup de mídia. Era uma empresa bem pequeninha, lá em São Paulo, que estava buscando formas de agregar, fazer curadoria de conteúdos lá no começo, quando isso estava bem incipiente ainda, para um usuário final diante da

proliferação de veículos na internet e tudo mais. Então, tinha uma plataforma, como se fosse uma home, era meio rede social que tu podia logar, aí tu podia selecionar umas notícias, salvar umas notícias, compartilhar com teus amigos, podia ter uns seguidores que seguiam os conteúdos que tu... era uma ideia interessante que depois até foi se reciclando.

Mas aí eu entrei nisso, fazia essa edição ainda no Jornalismo, mas com tecnologia e *part-time* que aí eu conseguia estudar. E aí quando eu entrei no mestrado, eu mantive isso, esse *freela* de ficar fazendo essa edição, uma curadoria de conteúdo, porque era uma forma de ganhar um dinheiro e não me afastar muito do mercado, porque bem ou mal quando tu fica dois anos ali na academia, tu acaba podendo se afastar... É aquilo: quando tu está muito no mercado, você se afasta da academia, quando está muito na academia, você se afasta do mercado e eu não queria perder esse pé, porque eu sabia que eu ia querer voltar. Eu queria fazer um mestrado e voltar de novo, que é o que tu falou de ficar transitando entre uma coisa e outra.

J.M. – E como era sua rotina? Você estudava no mestrado e tinha esse trabalho parcial, você trabalhava de casa?

A.G. – Sim.

J.M. – Você conseguiu dividir essas coisas? Como é que era para você o dia a dia da casa? “Agora é o horário de trabalhar”.

A.G. – Conseguia. Em geral eu trabalhava de manhã cedo, eu levantava e fazia umas coisas umas duas horas ali por dia, dava uma organizada. Como eu já trabalhava há um tempo naquilo ali, porque eu comecei em junho/julho e fui começar o mestrado em março, então, eu já estava dominando o trabalho, eu conseguia fazer em, relativamente, pouco tempo. Aí tinha as cadeiras, as disciplinas que eram... no IESP são bem pesadas. São nove por semestre... não, desculpa, são três por semestre, nove em um ano e meio e são cadeiras pesadas, tem estatística, também tem muita leitura. Minha rotina era mais ou menos essa: trabalhava de manhã, ia para aula ou estudava e aí voltava no começo da noite para fazer alguma outra coisa do trabalho. Eu me dividia dessa forma, mas, naturalmente, o mestrado tomava mais tempo, porque a ideia era essa que eu voltasse a estudar mesmo.

J.M. – E tu conseguia ter uma rotina quando chegava a hora de fazer os trabalhos e depois, propriamente, na dissertação? Qual era tua rotina para escrever?

A.G. – A dissertação foi difícil. Foi difícil, porque primeiro que no mestrado tu ainda não tem muito claro o objeto de estudo, então, até eu encontrar uma coisa que me

interessasse, que eu me identificasse demorou um pouco. E terminou que eu fui engrenar a dissertação quando acabaram os quatro semestres. Eu peguei aquele verão de dezembro a fevereiro/março e escrevi, só que aí coincidiu com a minha entrada na DAPP [Diretoria de Análise de Políticas Públicas da FGV]. Como eu não esperava que eu ia ter tão rápido um outro trabalho, eu estava contando que eu ia ter o verão para escrever, só que aí apareceu a DAPP, eu topei, porque achei interessante na época, bem interessante. E aí disse: “Bom, agora eu vou ter que me desdobrar aqui”. E aí me organizei, como não tinha aula mais, eu fazia uma rotina mesmo de...trabalhava, era 40 horas, chegava em casa escrevia um pouco, aí ia descansar um pouco, acordava tipo onze da noite, meia-noite, escrevia mais umas duas horas. E era uma coisa assim...eu tive que ser bem mecânico: “Hoje, eu vou escrever três páginas”.

J.M. – Ah, você conseguiu fazer isso?

A.G. – Conseguia. Aí eu ia lá e escrevia, não parava antes de escrever três páginas, mas também não escrevia mais que isso. Eu fiz um cálculo: “Eu preciso ter cento e tantas páginas, tenho tal período, se eu não escrever três por dia, eu não vou conseguir entregar. Então, vou escrever três, só isso. ”. Aí fui meio mecânico. E depois no final fui dando uma arredondada, inserindo mais referências, mas por um lado foi bom que eu me obriguei a ser bem objetivo, não fiquei assim com aquela coisa...porque às vezes a gente fica querendo melhorar. Fui e escrevi.

J.M. – Você acha que o teu tempo de jornalista te ajudou nisso?

A.G. – Ajudou muito.

J.M. – Na disciplina, no prazo...

A.G. – Ajudou muito na disciplina e na escrita. Isso foi uma coisa que me beneficiou muito no mestrado, os professores elogiavam: que era o texto. Que é o texto do jornal.

J.M. – É o pão do negócio.

A.G. – É, porque no jornal tu realmente aprende a escrever de uma forma muito clara, objetiva, tem um espaço curto. Hoje é um pouco menos, porque está tudo migrando para o digital, mas no jornal impresso tu tem um espaço ali, tu tem que contar uma história e num prazo determinado. Não tem alternativa. Então, tu aprende a ser muito mecânico nesse sentido. Então, eu tinha um texto já mais apurado e tinha essa disciplina de escrever com deadline: “Tem que entregar tanto tal hora”. Escrever rápido, escrever com objetividade. Isso tudo me ajudou muito na verdade, não só na dissertação, no próprio mestrado. Nos trabalhos finais das disciplinas, eu conseguia dar conta de escrever relativamente rápido. Ali foi o momento que eu acho que eu consegui, pela

primeira vez, entender como é que eu conseguia juntar essas duas coisas do trabalho mais acadêmico com algumas coisas que eu tinha aprendido no Jornalismo, na vida profissional. Ali, eu comecei a sentir que funcionava esse mix de informações.

J.M. – E como que tu entrou lá na DAPP? Quem que te convidou?

A.G. – Quem me indicou foi o meu orientador do IESP que é o José Maurício, ele conhecia o Marco que é o diretor...

J.M. - Que foi doutor lá pelo IUPERJ.

A.G. – Isso. Meio por acaso eles se encontraram um dia numa festa, não sei aonde, na rua, não sei, e o Marco estava começando a estruturar a DAPP, que ele tinha criado há pouco tempo, tinha pouca gente e ele estava procurando gente com perfil mais de política mesmo e queria gente do IESP. Aí o José Maurício me avisou, ele sabia já dessa minha trajetória, que eu tinha interesse, aí eu mandei um currículo e aí entramos eu e mais um aluno, meu colega só que da política, que era orientando do Fabiano. Nós entramos juntos, porque era o que o Marco estava buscando dessa formação. Ele entrou meio período, porque ele queria fazer o doutorado e eu entrei período integral, porque eu já não ia fazer o doutorado, já tinha decidido isso também que eu ia dar um tempo de novo para voltar para o mercado.

J.M. – E você entrou para fazer o quê? Assim, naquele início...que ano era isso?

A.G. – Isso era final de 2013, finalzinho...

J.M. – Agitado.

A.G. – É, exatamente. Que era quando eu estava terminando o mestrado. Eu terminei em 2014, no comecinho. Bom, a DAPP até hoje não se encaixa muito nesses padrões, não tem lá cargos ou funções específicas, você entra como um pesquisador. Então, eu comecei lá fazendo coisas...meio que descobrindo o que dava para eu fazer, como que eu poderia me encaixar lá dentro. Tinha uma orientação mais ou menos de buscar um formato, de fazer umas análises, pesquisa social e análise política com uma pegada um pouco mais inovadora, começando a trazer a análise de rede social para análise política, grupo focal, pesquisa quantitativa... E aí tinha umas pautas que iam sendo colocadas sem muito planejamento.

Então, logo que eu entrei, eu comecei a fazer uns grupos focais, porque era parte de uma pesquisa. Aí depois, tinha uma pesquisa quantitativa em andamento em parceria com uma empresa, então, eu já entrei na análise desses dados. Aí logo depois, a gente fez uma pesquisa sobre percepção social sobre transporte público, nessa eu já entrei na concepção, na produção da elaboração da pesquisa e na análise depois. Mas, ao mesmo

tempo, como a DAPP estava começando a se estruturar, eu comecei a trabalhar também na organização da parte da comunicação da DAPP: na elaboração do site da DAPP, na criação das redes sociais da DAPP, como apresentar a DAPP publicamente. Então ali, eu já encontrei um lugar que eu conseguia fazer as duas coisas, um trabalho mais de pesquisa e de pesquisa aplicada, o que me interessava ainda mais, uma pesquisa não acadêmica propriamente, mas uma pesquisa voltada para uma aplicação prática e, ao mesmo tempo, voltar a ter esse contato com a comunicação, o Jornalismo.

E aí, aos poucos, 2014 era um ano eleitoral, o Marco traçou uma estratégia da gente ter uma exposição midiática para a DAPP aparecer, passar a existir, digamos, para o público. E aí a gente começou a buscar contato com jornalistas, com O Globo, como é que a gente traduzia nossas análises, principalmente de rede social, para um jornal. Aí a gente fechou uma parceria com eles para fazer uma cobertura das eleições, uma análise de política pública por rede social durante as eleições. Assim, discutir o que as pessoas na rede falam sobre segurança pública, não sobre o candidato, aí a gente ia lá produzia os gráficos, produzia os textos. E aí eu já entrei direto nesse projeto, porque era o que eu fazia, era unir as duas coisas. Eu fazia uma análise de uma pesquisa social, ainda com essa pegada da tecnologia, e numa linguagem para um jornal com lead, com uma concisão, uma objetividade.

J.M. – Dá para ver que muito da sua atividade na DAPP tem a ver com pesquisa, você busca dados...

A.G. – Isso, a DAPP em geral, não sou nem eu. O trabalho da DAPP é esse.

J.M. – Quando a gente pensa em diferentes atividades que se relacionam com a profissão: escrever, analisar, pesquisar...isso está envolvido, não está?

A.G. – Totalmente. Aí, a natureza da minha atividade lá dentro foi mudando um pouco, fui fazendo um pouco de tudo até pela minha formação, eu ganhei um pouco essa versatilidade, digamos assim. A coisa de conseguir...a ideia de ter uma pauta e ter que entregar essa pauta, orientado pela entrega, que é uma coisa muito do jornal. Os jornalistas falam que a redação é a verdadeira escola do jornalista. Eu sou totalmente de acordo. Muitos jornalistas, inclusive, desprezam a sua graduação, eu não chego a esse ponto, porque eu não conheço, mas de fato a redação é um divisor de águas na vida de um profissional da comunicação, porque o que tu aprende ali da prática jornalística e da comunicação é único, tu não vai aprender em outro lugar. A coisa da entrega, do deadline, do rigor da apuração, do texto que tem que ser correto, não pode ter erro de

português. Tudo isso são coisas que tu introjeta, porque fazem parte do teu trabalho. Então, na DAPP, eu achei uma fórmula de aplicar isso na prática de novo. Eu comecei muito com essa coisa de fazer umas pesquisas, depois com essa parceria, aí eu comecei a trabalhar de forma bem transversal com os pesquisadores, porque eu ia me inserindo, parcialmente, nas pesquisas...

J.M. – Para fazer coisas específicas.

A.G. – E para traduzir as pesquisas. Como é que a gente vai...isso aqui vai ser um artigo acadêmico? Não, vamos fazer um *paper*, um *policy paper* para publicar, para botar num jornal. Eu ajudava na linguagem, no enquadramento da pesquisa e fazia o contato com o jornal para vender aquela pesquisa e dar mais visibilidade, mais alcance. E, nisso, eu fui tendo um trabalho mais interno que era rico para mim, porque eu conversava com os diversos núcleos, não eram muitos também, o pessoal mais quanti, o pessoal de segurança pública, o pessoal de imigração, de rede social, obviamente, que era onde eu estava mais envolvido, o pessoal de transparência, dados, orçamento, que a DAPP trabalha...E fui aprendendo, entendendo e bolando formas - não sozinho obviamente, em diálogo com os colegas - de como produzir coisas dali, extrair dessas pesquisas e dessas práticas de análises, análises em formatos mais palatáveis para leigos, para quem não é do assunto. Foi muito rico para mim internamente, porque eu fui transitando e criando uma relação muito orgânica na DAPP como um todo, e para fora, porque eu fui fazendo esses contatos, assim, com mídia, com jornalistas, aí dialogava: “Olha, tenho uma pesquisa assim...”. Aí o cara: “Tá, mas qual é o lead? ”. Aí eu já tinha uma ideia de lead...

J.M. – Você sabia qual era a cabeça do cara.

A.G. – Eu sabia o que o cara esperava, o que ele precisava. E aí conseguia fazer essa tradução. Fui desenvolvendo isso e a DAPP acabou indo também para um caminho muito assim. Essa coisa de pesquisa social aplicada com o objetivo de ter um impacto, que é na verdade o conceito, que hoje é uma coisa bem mais clara para mim, que é o conceito de *Think tank*, que é um centro de pesquisa que bebe da academia, do conhecimento acadêmico, da formação acadêmica, mas é orientado a gerar um impacto na sociedade, incomodar ali: qual é a questão do momento? Como é que a gente vai incidir nessa discussão, trazer uma coisa nova, ajudar a qualificar ou provocar uma outra perspectiva da discussão? É uma produção voltada a impactar realmente no debate público, não na academia propriamente. E acho que hoje a DAPP é muito isso. Ela seria

um retrato...é que a Fundação hoje se coloca como um *Think tank* como um todo, mas a DAPP, no seu nicho, opera muito nessa linha, por isso também a coisa da rede social faz tanto sentido, porque ela é dado bruto para analisar em tempo real ou quase real. A gente sabe o que estão falando sobre segurança pública hoje ou ontem...

J.M. – Fala um pouquinho sobre a pesquisa - desculpa te interromper, é que eu acho superinteressante - a pesquisa com redes sociais. Tem uma metodologia para análise desses dados, são muitos, são quase *big data* como se chama. Onde você aprendeu isso?

A.G. – Lá, na DAPP.

J.M. – Como é que foi esse processo de aprendizado? Foi no *job* ou tinha curso?

A.G. – Não, não tinha curso, quer dizer, tinha curso, mas eu não fiz. Teve outros pesquisadores que foram fazer, eu não fiz o curso, mas por essa coisa de, lá bem no começo, já buscar o contato e a relação com mídia, eu fui tendo esse papel de entender a pesquisa de redes e traduzir. Então, eu fui me aproximando muito e entendendo as possibilidades, o que dava para fazer, como funciona, fui tomando mais contato com a parte da estrutura da pesquisa, alguma coisa de tecnologia de desenvolvimento, no diálogo ali com o desenvolvedor: “Ah, como é pega o dado do Twitter? ”, “Ah, como é que vem essa base? ”, “Como é formato? CSV? ”, “Como é que processa isso? ”, “Ah, usa o R, não sei o quê...”.

J.M. – Aí você aprendeu a usar o R?

A.G. – Eu não operacionalizei esses softwares, mas eu conseguia dialogar, porque a minha função ficou mais reunir isso e trazer para fora. Só que a coisa da rede começou a ganhar tanta força dentro da DAPP pelo impacto que gerou, pelo interesse, pela demanda, que a nossa metodologia foi se sofisticando, foi se tornando mais complexa e eu e outros lá dentro fomos aprendendo, na verdade, fomos criando fórmulas, porque muita coisa a gente começou a fazer por conta própria, porque não existia um protocolo de pesquisa de rede social consolidado. Hoje já está um pouco mais avançado, tem algumas coisas que são bem mais conhecidas, mas muita coisa a gente teve que ir desenvolvendo.

Isso foi muito legal na verdade, a construção de um ramo novo de análises de pesquisa social junto com poucas pessoas, no Brasil pelo menos, e, ao mesmo tempo, a consolidação da institucionalidade do centro de pesquisa, porque não é um CPDOC, por exemplo, que tem uma trajetória, que é reconhecido, décadas aí de atuação; não, a DAPP era uma coisa que ela ia ser o que a gente conseguisse fazer ela ser, porque ela é muito recente. A DAPP não tem nem cinco anos ou tem cinco, não mais do que isso.

Então, a gente foi aprendendo as possibilidades e como analisar a rede social, como extrair dali coisas interessantes que não ficassem também repetitivas ou muito descritivas de volume e dimensão, por exemplo, *hashtag*, são coisas muito básicas, como é que a gente conseguia extrair dali coisas significativas. E aí, obviamente, o Marco, diretor da unidade, tem um papel central nisso, porque, apesar de ser um cara experiente, ele conseguiu fazer essa leitura da importância da rede social com um viés sociológico, de entender a rede social não só como uma tecnologia de informação, as novas tecnologias de informação e comunicação, mas entender as redes sociais como um fenômeno social. O que a rede social diz em termos de entender as transformações que a sociedade está passando? E aí ele ia instigando esse debate lá dentro, cobrando, porque também tem essa pegada bem aplicada, então é assim: “temos que fazer isso”, “temos que fazer assim”, “tem que avançar aqui”, “tem que avançar ali”... E a gente foi conseguindo. Eu acho que hoje a DAPP tem um acúmulo de conhecimento de análise nessa área bastante consolidado.

J.M. – Com certeza. Se me permite, Amaro, agora uma coisa bem mais banal, mas que é importante para pesquisa, é um pouco das rotinas de trabalho, eu sempre pergunto sobre isso. Como é um dia de típico seu na DAPP? Se existe um dia típico, se não existir tudo bem, mas como seria um dia típico? Você chega que horas lá?

A.G. – Eu chego tipo 9h30/10h até às 18h30/19h. É uma rotina com a carga horária de trabalho normal, horário comercial.

J.M. – Você tem uma sala lá?

A.G. – Hoje eu divido uma sala com a outra coordenadora. Eu sou o coordenador lá hoje, embora não tenha uma hierarquia muito estabelecida, muito verticalizada, tem algumas coisas que mais ou menos se organizam nisso. E aí até pelo tempo que eu estou lá, pelo trabalho que a gente desenvolveu, hoje eu estou numa função de coordenação lá. Então, hoje o meu trabalho envolve coordenar alguns projetos internos; coordenar alguns projetos externos, por exemplo, consultoria e uma parceria de mídia que a gente tem; e fazer esses contatos institucionais junto com diretor ou em nome dele, enfim, essa coisa da construção institucional. E tem uma pessoa que assumiu a comunicação que trabalha muito próxima de mim também, então, eu não faço mais isso diretamente.

J.M. – De garimpar o jornalista.

A.G. – Isso, e de fazer a comunicação da DAPP, o site, as redes, no Twitter... Tem alguém que faz isso, mas está em alguma medida sob minha responsabilidade, trabalha comigo. Mas se eu fosse resumir o meu papel é como se fosse uma coordenação de

produção. Eu coordeno a saída do que a gente produz. Faz a pesquisa, isso vai ser para uma consultoria? Para uma parceria de mídia? Vai ser para o site? Esses formatos de produtos, eu estou muito envolvido. Vai ser um estudo mais tradicional? Vai ser um texto para o blog com visualização de dados? Vai ser um texto para um jornal, um artigo para um jornal? E nisso, eu vou tomando aí duas coisas: uma, que eu vou mantendo contato com todas as áreas, entendendo as possibilidades, demandando uma coisa ou outra, podendo até hoje em alguns momentos contribuir, dar umas ideias em áreas que não são minhas, porque já tenho uma certa experiência. Por exemplo, a questão do orçamento, nunca foi minha área, mas eu trabalhei tanto com o pessoal lá de orçamento que hoje eu já entendo alguma coisa e às vezes eu consigo: “Não, e se a gente for por aqui e por ali? ”. E lá é uma via de mão dupla, porque não é só a gente que produz e joga para fora, vem muita coisa de fora também que acaba orientando o nosso trabalho dentro. Então, por exemplo, não sei se você chegou a ver esse trabalho recente de robôs.

J.M. – Esse eu acho que não vi.

A.G. – A gente identificou robôs, a presença de robôs...

J.M. – Ah, eu vi, desculpa.

A.G. – Esse foi uma demanda do Marco propriamente, ele decidiu: “Precisamos estudar isso, esse assunto é quente, está crescendo, precisamos entender isso”. É uma leitura do contexto, da política, do como aquilo ali está ganhando importância e aí ele estabelece uma demanda interna. Eu participei nisso, estou te dando esse exemplo, porque é um papel, uma função que eu exerço rotineiramente lá, traduzir essa demanda para dentro: “Ah, como é que a gente vai fazer isso? Quais são os pesquisadores? Que áreas vão se envolver? Qual vai ser o *output* dessa pesquisa? ”.

J.M. – Mas a partir do momento que você pega essa demanda, consegue pensar essa tradução, ver quais são os pesquisadores mais adequados para aquilo e montar, o projeto é tocado e você vai se dedicar a outras coisas e depois você vê a saída dele?

A.G. – Durante o processo, eu vou dialogando, porque eu não perco esse pé, eu estou muito lá, fisicamente, aí durante o processo, as pessoas vêm perguntar, eu também vou saber como está, aí eu dou uma ideia, eles dão uma ideia. Não é que eu seja um coordenador de pesquisa, quando eu falo que eu faço uma coordenação de produção é porque a outra coordenadora cuida mais da parte acadêmica da pesquisa, do rigor metodológico, da documentação, da justificativa, dos caminhos que são tomados. Então, não é assim como se fosse um núcleo de uma universidade com um coordenador que

orienta os alunos, não é assim que funciona lá. Eu não tenho esse papel de orientação dos pesquisadores, os pesquisadores são pesquisadores com as suas formações, muitas vezes, melhores que a minha naquela área. É mais no sentido de ajudar a encaminhar para o que faz sentido em face da demanda que está sendo colocada seja ela do diretor, de um jornal, de uma pesquisa que a gente quer lançar...

J.M. – Mas, hierarquicamente, você cobra eles?

A.G. – Cobro, pelo papel de coordenação, cobrar entrega, cobrar o prazo, puxar uma pessoa quando precisa ou numa consultoria fazer a interlocução com o cliente, entender se está a contento ou não, aí trazer isso para dentro, ajustar. Faz parte também um pouco esse papel.

J.M. – E você e a outra coordenadora, em tese, respondem ao Marco Aurélio?

A.G. – Sim.

J.M. – E tem uma dinâmica de reuniões? Ou depende da demanda?

A.G. – Depende da demanda.

J.M. – “Preciso falar com você”.

A.G. – É. O Marco, o perfil dele... ele sempre foi muito presente no dia a dia da DAPP, na definição das pesquisas. Com o tempo, com o crescimento da DAPP, ele foi perdendo um pouco a condição de fazer isso como ele fazia antes, porque cresceu muito, são muitas coisas ao mesmo tempo. E ele tem, obviamente, no papel de diretor, uma agenda institucional muito pesada, contatos, viagens. Então, nem sempre a gente consegue ter uma rotina de reuniões com ele, mas está sempre em contato por WhatsApp, e-mail, é muito dinâmico isso. Vai despachando coisa por WhatsApp.

J.M. – Fora do horário de trabalho?

A.G. – Fora do horário de trabalho.

J.M. - Você trabalha em casa?

A.G. – Trabalho assim...como um jornalista trabalha, porque o jornalista não pode desligar 100%, não tem como passar um final de semana sem ler um jornal, sair fora, não. Então, hoje eu me sinto assim como era na época do Jornalismo. Eu sei que em algum momento pode me ligar, pode mandar uma mensagem, tirar uma dúvida, ou dizer: “Pô, essa semana tenho que falar disso...”

J.M. – Mas no sentido de num sábado: “tem que terminar hoje um relatório para não sei o quê”.

A.G. – Eventualmente acontece. Acontece, porque tem compromissos com cliente, como tem o lado de consultoria também, às vezes tem uma prospecção para fazer, eu

tenho que preparar o material num prazo muito curto, aí estende, aí eu faço de noite, eventualmente, num final de semana. Ou então, na época dos protestos lá do Impeachment, a gente queria acompanhar em tempo real na rede, aí tinha que trabalhar no domingo, mas assim ossos do ofício. Eu encaro dessa forma e não como: “Ah, estou trabalhando fora do horário”. Acho que a DAPP tem esse perfil, rede social, ...

J.M. – Rede social não para.

A.G. – ...a coisa do noticiário. É um pouco o caminho que eu escolhi, eu não posso me queixar.

J.M. – Como é que está tua relação com as Ciências Sociais acadêmicas, você ainda consegue entrar no SciELO? Ainda tem vontade de fazer isso?

A.G. – Eu tenho bastante vontade, eu entro, encontro o texto, seleciono, só não consigo ler ultimamente [risos].

J.M. – Mas é para o teu interesse individual? Ou orientado pelas coisas da DAPP?

A.G. – Pelo meu interesse...um pouco de cada. Eu tenho interesses individuais, porque eu quero fazer um doutorado um dia, em breve espero. Então, eu sei que eu preciso focar um pouco a leitura para dominar...quando eu for fazer um projeto de pesquisa, eu tenho que ter uma linha, saber os principais textos que estão sendo discutidos naquela área. Mas, eu leio muita coisa por conta do trabalho e aí favorece, como o trabalho é muito próximo da academia, eu acabo lendo coisas acadêmicas.

J.M. – Artigos...

A.G. – Artigos...esse trabalho de robôs, por exemplo, é isso, tem lá uma revisão bibliográfica que não fui eu que fiz, mas eu li para conseguir traduzir essa questão dos robôs, da rede, às vezes nem é da área de Ciências Sociais, às vezes tem Ciências da Computação, Matemática...traduzir isso para um estudo como o que a gente publicou. Então, acaba que, pontualmente, eu vou tendo contato com coisas mais acadêmicas. Ou simplesmente no estudo, pega um estudo de lá de segurança, os pesquisadores, as meninas de segurança referenciam com autores, então, bem ou mal, está ali. E hoje também eu sigo, tenho amigos no Facebook, sigo gente no Twitter, hoje tem esses canais que favorecem. Tem professores acadêmicos que publicam um monte no Twitter, divulgam uma pesquisa, aí eu “pô, legal”, vou lá e clico, publicam um gráfico, aí tu já sabe que aquilo lá está sendo discutido. Essa discussão mesmo recente sobre o quanto caiu ou não a desigualdade no Brasil...

J.M. – Sim...Marcelo Medeiros...

A.G. - ...o Piketty [Thomas], Marcelo Medeiros...é um debate acadêmico, mas que extrapolou, se discute no jornal. Esses caras estão todos no Twitter discutindo, às vezes dá uns conflitos de jornalista com os acadêmicos. Esses dias tinha um lá que era um acadêmico questionando a checagem de fatos do Aos fatos que é um *fact-checking*, aí o cara: “Não, porque vocês deveriam ter feito assim estatisticamente e tal...”. Ou seja, um conflito quase de epistemologia, o trabalho de um checador de fatos não é fazer uma regressão estatística, esse trabalho é do acadêmico, mas o cara acha que se tu não fizer, tu está sendo superficial. Aí rolou um debate superinteressante ali. E aí nisso você vai tomando contato com o que está sendo discutido na academia, com o que o jornal está fazendo, o noticiário, naturalmente, porque eu leio muito jornal ainda.

J.M. – Online ou papel?

A.G. – Papel praticamente não pego mais. Cancelei minha assinatura impressa que eu tinha, tenho só a assinatura digital. E hoje eu me informo muito por *Newsletter* dos jornais e Twitter. Twitter é fantástico.

J.M. – É, eu uso bastante também.

A.G. – Os próprios jornais tuítam suas matérias, suas capas e coisas assim. E as pessoas que tu segue vão compartilhando as coisas mais interessantes do dia. Então, se tu está atento, eu coloco notificação no celular das pessoas e vou, ao longo do dia, vendo tudo que está acontecendo.

J.M. – Enquanto trabalha?

A.G. – É, enquanto trabalha. Tipo aqui, vejo aqui os tuítes que estão entrando e vou lendo o que me interessa. Aí salvo coisa para ler depois quando é mais extenso.

J.M. – Você tem um momento do dia: “bom, agora eu vou dar uma paradinha e ver as redes sociais”?

A.G. – Tenho, tenho.

J.M. – Você consegue ter essa disciplina?

A.G. – Às vezes eu termino uma entrega, aí paro ali uns 20 minutos, leio umas notícias, vejo coisas que eu não consegui ler de manhã cedo, porque eu também tenho uma filha agora e de manhã não dá para acordar e ler jornal, eu tenho que acordar e dar conta da filha.

J.M. – Você consegue dar essa “dividinha”? [risos]

A.G. – Consigo. Fui aprendendo formas de otimizar o tempo, então, hoje eu leio os jornais pelas *Newsletters* que eles produzem, pelo Twitter e aí, ao longo do dia, quando

dá tempo, eu entro em algum portal ou outro ver como é que está a manchete e tudo mais, mas leio muito ainda.

J.M. – Você lê ou você também escreve e produz conteúdo em redes sociais para além da coisa da DAPP?

A.G. – Muito pouco, eu não sou muito ativo. Tuíto algumas coisas, mas eu não sou...

J.M. – Textão no Facebook?

A.G. – Não, sem textão no Facebook. Textão no Facebook não é muito comigo. Aí já é uma coisa...é até uma opinião muito pessoal, mas eu acho que o Facebook para isso ele está perdendo muito interesse, para quem gosta de consumir informação, notícia, artigos, ele está perdendo. Essa coisa do algoritmo, eu acho meio chato, ele fica selecionando o que eu quero...ele fica dizendo o que eu tenho que ver com base nos meus interesses. Então, sei lá, eu gosto de futebol, ele fica mostrando um monte de coisa de futebol, mas eu não quero agora ver futebol, eu quero ler notícia. O Twitter é mais direto, o que eu estou seguindo aparece para mim, ele é mais confiável, digamos assim. Eu não posso deixar para me informar pelo Facebook, é isso que eu quero dizer, mas aí já é quase outro debate.

J.M. – Estamos quase terminando, Amaro. Uma coisa que eu sempre pergunto é que coisa relacionada à profissão das Ciências Sociais, você gostaria de fazer e ainda não conseguiu ou não teve tempo? Acho que você já respondeu um pouco, você tem a aspiração do doutorado.

A.G. – É, doutorado, naturalmente, porque que como eu estou aqui transitando entre mercado e academia, eu não sei daqui há cinco, dez anos, em qual lado eu vou estar. Se vou querer ir mais para o lado acadêmico, acho que não, mas não sei... E mesmo hoje na DAPP, na Fundação, faz diferença, é importante ter um... a Fundação é uma instituição acadêmica, então, tem que ter doutorado e eu pretendo fazer em algum momento. Mas eu gostaria, e acho que me ressinto um pouco na minha formação, de não ter me aprofundado um pouco mais nessas metodologias de análise mesmo, quantitativas. A minha impressão é que hoje isso está crescendo muito, por exemplo, uso de R virou uma coisa quase obrigatória em Ciências Sociais. Não sei como isso está sendo absorvido pelas graduações. Se eu fosse rever a formação que eu tive, eu acho que eu poderia ter tido uma ênfase maior nessa parte de metodologia, porque é até uma forma de abrir portas para o cientista social no mercado.

J.M. – Claro.

A.G. – Saber fazer pesquisa, saber tratar o dado, estruturar a base. Noções de estatística a gente aprende, tem as cadeiras um, dois, três... Às vezes é um pouco, fazendo a autocrítica também, um pouco falta de interesse, porque quem escolhe Ciências Sociais é quem não gosta muito, não quer estudar Matemática, a parte mais quanti acaba, na graduação, ficando um pouco de lado, nem todo mundo obviamente. Então, estatística bem ou mal já está incorporada, mas essas metodologias de análise, softwares de análise, eu sinto falta um pouco de dominar. E outra coisa que eu acho que é interessante para um graduando, para uma graduação, é aprender formas de disposição da informação: visualização de dados, infográficos...para além do texto, porque a gente aprende muito texto e um ou outro gráfico mais básico.

J.M. – Uma pizza, um negócio assim...

A.G. – É, um negócio assim bem trivial e hoje visualização de dados é uma coisa tão... tem softwares de visualização de dados que são muito acessíveis e dão uma outra cara para o trabalho final. Imagina pegar uma dissertação e traduzir ela visualmente, fazer um conteúdo digital com interação, dá um alcance totalmente diferente do que publicar e depois...publica lá a sua dissertação, a tua tese, e depois faz uns gráficos interativos e começa a publicar no Twitter, isso gera um debate ali, mesmo que seja entre pares acadêmicos já é um debate mais aberto.

Eu acho que seria muito interessante se as Ciências Sociais, como área do conhecimento no Brasil, conseguissem incorporar algumas dessas coisas que o próprio Jornalismo hoje faz muito. Se as Ciências Sociais conseguissem trazer para a sua prática, eu acho que seria muito enriquecedor para a formação e depois para a atuação profissional do pesquisador. Então é isso, doutorado e essa parte mais quanti, em algum momento, eu gostaria de parar e aprender um pouco. Claro que nunca vou recuperar o tempo perdido, mas dá para pegar algumas coisas.

J.M. – Bom, Amaro, cobrimos todo o roteiro. Eu queria te agradecer.

A.G. – Ótimo, foi ótimo. Eu que agradeço.

[FIM DO DEPOIMENTO]